

A problemática do aumento do custo de vida na vida das mulheres

O combate necessário para não se perder direitos

Intervenção de Mafalda Santos

É com grande honra que estou aqui hoje e deixo-vos desde já esta reflexão – de acordo com o relatório anual do Fórum Económico Mundial, serão necessários 132 anos para se atingir a paridade total. Infelizmente não iremos cá estar assim tanto tempo, daí a necessidade **urgente de consciencializar** a sociedade no seu geral, mas especialmente as gerações futuras, para que o combate às desigualdades, às discriminações e às violências, que nos afectam a nós mulheres seja uma luta constante, firme, organizada **com e nas massas**.

A paridade de géneros depende especialmente destes quatro factores como sabemos,

Igualdade de salários e oportunidades económicas (veja-se a diferente salarial que continua a existir entre homens e mulheres, e por consequência dessa diferença a afectação que isso nos traz nas insuficientes oportunidades económicas)

Acesso à educação (quantas meninas privadas da sua educação porque em 2022 continuamos a permitir que famílias as casem, quantas mães desistem da sua educação para ter e cuidar dos filhos e ainda nos apontam o dedo pela baixa taxa de natalidade no nosso país)

Acesso à saúde (temos o exemplo recente de como as mulheres são as que mais sofrem com o fecho das unidades de saúde)

Participação política (termos mulheres em lugares de poder e decisão que defendam efectivamente os direitos das mulheres)

E sabemos também que no mundo e em Portugal, ainda temos de caminhar muitos passos para que os tais 132 anos necessários para atingir esta paridade total, sejam reduzidos por consequência das nossas lutas.

Há uns meses o alarme era causado por uma pandemia na europa, hoje o alarme soa por uma guerra, também aqui, na Europa. Todas nós temos consciência de que existem muitas guerras pelo mundo, e que em todas elas somos nós mulheres e as nossas filhas que mais sofrem na pele e na vida todas as consequências de políticas e Estados capitalistas. Dizem-nos que o problema é a inflação, mas nós sabemos que o problema são os baixos salários, as baixas pensões e as baixas reformas, o problema é a precariedade laboral em que as mulheres vivem. São as mulheres que na sua maioria sustentam casas e famílias, são as mulheres que na sua maioria são cuidadoras de crianças e pessoas idosas e são também as mulheres que na sua maioria tem os rendimentos mais baixos. E estas são algumas das razões óbvias,

pelas quais, nós mulheres sermos efectivamente as mais afectadas com o aumento do custo de vida. Agregado ao aumento do custo de vida está também o aumento do stress nas famílias, o custo de vida aumenta, aumentam as dividas começam a faltar alimentos e é nestes ambientes em que nascem também muitas violências contra as mulheres. Mas lembrem-se, nós não desistimos, e foram tempos como os de agora e tantos outros bem piores, que despertaram mulheres para a luta, e com essas lutas foram conquistados os nossos direitos.

Dei início à minha intervenção com uma reflexão e se me permitem, termino de igual forma - nós mulheres, somos a maioria numa coisa, em número e se nós mulheres, somos a maioria da população porque é que continuamos a viver como se fossemos a minoria? Preparem-se amigas, vamos começar AQUI E AGORA a construir a força que precisamos porque a massa nós temos! Unidas por todas aquelas que perderam a vida para que NÓS estejamos aqui HOJE, ergam o punho e nele tenham a nossa CRP, vamos exigir que ela seja aplicada e relembrar-lhes quais são os nossos direitos. Viva o MDM!